

## ESTARÍAMOS TODOS CANSADOS?

**Rômulo de Andrade Moreira**

Procurador de Justiça no Ministério Público do Estado da Bahia

Professor de Direito Processual Penal na

Faculdade de Direito da Universidade Salvador - UNIFACS

Byung-Chul Han é um homem notável.

Nascido na Coreia, mudou-se para a Alemanha e estudou Filosofia na Universidade de Friburgo. Mais tarde, já em Munique, estudou e aprendeu literatura alemã e teologia.

Profundo conhecedor da obra de Heidegger, doutorou-se, em 1994, em Friburgo, com uma tese sobre o filósofo alemão. Hoje é Professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlim. Tem várias obras sobre a sociedade e o ser humano.

Uma delas, publicada no Brasil pela Editora Vozes, em 2015, leva o nome de “*Sociedade do Cansaço*” (em alemão, “*Müdigkeitsgesellschaft*”) e trata de uma questão absolutamente atual e contemporânea: a grande tragédia de se viver no mundo de hoje.

Desde uma visão patológica, como prefere o filósofo, este século, ao contrário de outros anteriores, “*não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal.*” A doença do século é outra, talvez mais difícil de diagnóstico e, sobretudo, de tratamento. A cura, quase impossível.

As doenças, hoje, são de natureza “neuronal”, tais como “*a depressão, o transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a síndrome de Burnout (SB).*”

Tais doenças, por não serem fruto de uma “*negatividade*”, antes pelo contrário, causadas pelo “*excesso de positividade*”, escapam de “*qualquer técnica imunológica.*” Não são infecções, como outrora, mas “*enfartos.*”

Estes “*adoecimentos neuronais do século XXI*” são “*estados patológicos devidos a um exagero de positividade.*” Assim, “*o esgotamento, a exaustão e o sufocamento frente à demasia são reações imunológicas*”, verdadeiramente “*manifestações de uma violência neuronal, que não é viral.*”

Han, lembrando o genial Foucault, lembra que a “*sociedade disciplinar*” do filósofo francês, “*feita de asilos, presídios, quartéis e fábricas*”, transformou-se em uma outra sociedade, “*a saber, uma sociedade de academias de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética.*” Uma “*sociedade de desempenho*”, cujos habitantes não são os outrora obedientes, “*mas sujeitos de desempenho e produção, empresários de si mesmos.*”

Enquanto a sociedade disciplinar gerava “*loucos e delinquentes*”, esta, ao contrário, “*produz depressivos e fracassados*”, onde o que prevalece é “*o desejo de maximizar a produção*”, substituindo-se o “*paradigma da disciplina*” pelo “*paradigma*

do desempenho.” Assim, ele identifica “o imperativo do desempenho como um novo mandato da sociedade pós-moderna do trabalho.”

Na sociedade disciplinar, cujo inconsciente social baseava-se no dever, o homem é “o sujeito da obediência.” Hoje, na sociedade de desempenho, cujo inconsciente social é “o desejo de maximizar a produção”, o homem passou a ser “o sujeito de desempenho, mais rápido e mais produtivo.” O homem passa a ser um “*animal laborans*”, preso a uma verdadeira “*auto exploração*” agudizada pelo “*excesso de trabalho e desempenho.*” É “*hiperativo e hiperneurótico.*” A mulher também.

E essa auto exploração é mais cruel que a de outrem, “*pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade*”, onde o “*explorador é ao mesmo tempo o explorado.*” Eis, então, o paradoxo: o que é aparentemente uma manifestação da liberdade humana, torna-se causa de manifestações patológicas as mais diversas. Portanto, “*os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal*”, pois “*a sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são uma sociedade livre*”, já que “*o próprio senhor se transformou num escravo do trabalho*”, “*cada um carregando consigo seu campo de trabalho.*” Somos todos, e a um só tempo, “*prisioneiro e vigia, vítima e agressor, explorando-nos a nós mesmos.*” Vive-se hoje “*num mundo muito pobre de interrupções, pobre de entremeios e tempos intermédios.*”

É exatamente nesta passagem de uma sociedade para outra que Alain Ehrenberg – sociólogo francês citado no livro<sup>1</sup> - localiza a depressão, exatamente no fato de que agora o homem depressivo “*não está cheio, no limite, mas está esgotado pelo esforço de ter de ser ele mesmo.*” A depressão seria, então, “*a expressão patológica do fracasso do homem pós-moderno em ser ele mesmo.*”

Neste aspecto, Han vai mais além do que Ehrenberg, para caracterizar a depressão como um reflexo da “*carência de vínculos*”, própria da “*violência sistêmica inerente à sociedade de desempenho que produz ‘infartos psíquicos’.*”

Para Han, o que passa despercebido no pensamento do sociólogo francês é entender o fenômeno da depressão apenas como uma resultante da “*pressão do desempenho*”, razão pela qual doenças como a Síndrome de Burnout “*não expressa o si-mesmo esgotado, mas antes a alma consumida.*”

A depressão surge, precisamente, “*no momento em que o sujeito de desempenho não pode mais poder. A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível.*”

Segundo o diagnóstico de Han, “*a depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma.*” Assim, o homem depressivo “*explora a si mesmo*”, transformando-se em “*agressor e vítima ao mesmo tempo.*” Ele encontra-se “*em guerra consigo mesmo*”, tornando-se “*o inválido dessa guerra internalizada.*”

---

<sup>1</sup> Autor, dentre várias outras obras, de “*O Culto da Performance: da Aventura Empreendedora à Depressão Nervosa*”, publicado no Brasil pela Editora Ideias & Letras.

No capítulo terceiro, que ele intitula “*O Tédio Profundo*”, Han refere-se ao que ele chama de “*multitarefa*”, como a “*crescente sobrecarga de trabalho*”, aliada a um “*excesso de estímulos, informações e impulsos*”, responsáveis pela fragmentação e destruição da atenção.

A multitarefa, muito ao contrário do que poderia parecer, não é uma evolução da natureza e da sociedade humanas, mas se trata “*de um retrocesso*”, pois “*está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem*”, sendo “*uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem.*”

Para comprovar a sua tese de que, em verdade, a multitarefa representa uma involução, um retrocesso, que aproxima “*cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem*”, exemplifica:

*“Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo também com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido. Ao mesmo tempo tem de vigiar sua prole e manter o olho em seu (sua) parceiro (a). Na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo – nem no comer nem no copular. O animal não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si, pois tem de elaborar ao mesmo tempo o que tem atrás de si.”*

É justamente esta falta de oportunidade para o existir contemplativo que carece a humanidade. A atenção profunda, “*contemplativa*” é indispensável para “*os desempenhos culturais da humanidade, dos quais faz parte também a filosofia.*”

Ao contrário dessa atenção profunda, o que se tem hoje é uma “*hiperatenção*”, “*dispersa*”, caracterizada “*por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos*”, não dando espaço para “*aquele tédio profundo que não deixa de ser importante para um processo criativo.*”

Aqui o autor lembra o escritor e filósofo alemão Walter Benjamin, para quem aquele “*tédio profundo*” seria como “*um pássaro onírico, que choca o ovo da experiência*”, cada vez mais desaparecido da modernidade.

O tédio profundo estaria para o descanso espiritual assim como o sono está para o descanso físico. Ambos, o sono e o tédio profundo, perfazem, respectivamente, o ponto alto do descanso do corpo e do espírito. A inquietação, além de não gerar “*nada de novo*”, apenas “*reproduz e acelera o já existente.*”

Lembra, então, Paul Cézanne, famoso pintor francês e “*um mestre da atenção profunda, contemplativa*”, que dizia poder “*ver inclusive o perfume das coisas. Essa visualização do perfume exige uma atenção profunda.*”

Citando textualmente Nietzsche, Han lembra que “*por falta de repouso, nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto*”, motivo pelo qual é preciso que “*a humanidade fortaleça em grande medida o elemento contemplativo*”, pois “*só a vida contemplativa é que torna o homem naquilo que ele deve ser.*”

Ademais, esta “*vida contemplativa pressupõe uma pedagogia específica do ver*”, ou seja, “*capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar*

*demorado e lento*”, pois *“é uma ilusão acreditar que quanto mais ativos nos tornamos tanto mais livres seríamos.”*

Neste sentido, o filósofo afirma a burrice do computador, *“apesar de todo o seu desempenho computacional, na medida em que lhe falta a capacidade para hesitar.”*

O autor aproveita para fazer uma distinção entre a mera irritação – própria da sociedade de hoje – e a ira, *“que não se coaduna com a aceleração geral e com a hiperatividade”*, pressupondo, ao contrário da irritação, *“uma pausa interruptora no presente.”*

A hiperatividade *“não admite nenhuma folga temporal”*, gerando *“a dispersão geral que marca a sociedade de hoje”*, não permitindo, por conseguinte, *“que surja a ênfase e a energia da ira.”*

A ira, ao contrário da irritação ou da enervação, *“é uma capacidade que está em condições de interromper um estado, e fazer com que se inicie um novo estado.”* Ali – na irritação ou na enervação -, contrariamente, não há possibilidade de *“produzir nenhuma mudança decisiva.”*

No último capítulo, alerta o autor que *“a sociedade do cansaço, enquanto uma sociedade ativa, desdobra-se lentamente numa sociedade do doping”* que *“possibilita de certo modo um desempenho sem desempenho”*, transformando o homem e a mulher *“em máquinas de desempenho, que podem funcionar livres de perturbação e maximizar seus desempenhos”*, gerando *“um cansaço e esgotamento excessivos”* e levando *“a um enfarto da alma.”* Trata-se, ademais, de um cansaço *“solitário, que atua individualizando e isolando.”*

Vale a reflexão...